

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE TEATRO - BACHARELADO

BEATRIZ BATISTA DE VILA

VOZES VIOLENTAS, VIDAS CALADAS

CRICIÚMA

2020

BEATRIZ BATISTA DE VILA

VOZES VIOLENTAS, VIDAS CALADAS

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharelado no Curso de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Cizescki

CRICIÚMA
2020

BEATRIZ BATISTA DE VILA

VOZES VIOLENTAS, VIDAS CALADAS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado, no Curso de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Texto e Cena: Conexões

Criciúma, 07 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Fernanda Cizescki - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof. Luiz Gustavo Bieberbach Engroff - Doutor- (UNESC)

Prof.^a Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestra - (UNESC)

A todos os membros da comunidade LGBTQIA+
que perderam suas vidas para o preconceito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Alair de Souza Batista de Vila e José de Vila, por me apoiarem durante todo meu percurso do curso, algo de grande importância e motivação. Às grandes amizades que pude adquirir durante esses anos de estudo. Aos excelentes professores que me deram aula e por que tenho admiração pela grande experiência que proporcionaram. Ao professor Luiz Gustavo Bieberbach Engroff, que me proporcionou as melhores aulas e experiências na linguagem da arte, conselheiro e grande amigo da turma. A minha namorada Bruna Martins Novelli, que me apoiou e me ajudou durante meus momentos de tristeza e me motivou a seguir em frente. Agradeço também a minha professora, orientadora Fernanda Cizescki, a qual tenho grande admiração, que me ajudou durante todo meu percurso do TCC. Dedico este trabalho também a Gabriel Batista de Souza, colega de classe e grande artista que perdeu sua vida por conta ao preconceito.

"Cualquiera que sea la libertad por la que luchamos, debe ser una libertad basada en la igualdad."

Judith Butler

RESUMO

Este memorial é sobre uma performance apresentada e, excepcionalmente, gravada, que aborda uma problemática dos membros da comunidade LGBTQIA+, indivíduos que compõem uma das minorias sociais afetadas pelo preconceito e a violência, devido ao seu gênero, orientação sexual ou ambos. Aqui, conceituo relatos da minha experiência com a apresentação do “O papel de cada um”, teorias do conceito de gênero na percepção de diferentes autores e uma pesquisa quantitativa sobre a violência contra membros da comunidade LGBTQIA+, juntamente com relatos de agressões e óbitos dessas pessoas. Para a criação desta ação foram utilizados áudios que contêm imposições sociais, preconceito e violência que são reproduzidos durante toda a apresentação. Por fim, trata-se de um trabalho que será direcionado às pessoas que apoiam direitos LGBTQIA+ e buscam cada vez mais por respeito, igualitariedade e justiça.

Palavras-chave: Gênero. Performance. Violência. Preconceito. LGBTQIA+.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Apresentação “O papel de cada um”	13
Figura 2 – Apresentação “O papel de cada um”	14
Figura 3 – Peça de divulgação “O papel de cada um”	14
Figura 4 – Performance Vozes violentas, vidas caladas	39
Figura 5 – Performance Vozes violentas, vidas caladas	39
Figura 6 – Performance Vozes violentas, vidas caladas	40
Figura 7 – Performance Vozes violentas, vidas caladas	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gráfico do número de mortes registradas desde o ano 2000	25
Tabela 2 - Suicídio de LGBTQ+ no Brasil, em 2019, por orientação sexual	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual, + abriga todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam

GT - Gender Trouble

EAD - Educação a Distância

GGB - Grupo Gay da Bahia

COVID-19 - Corona Vírus Disease (Doença do Coronavírus) – 2019

CRP - Certificado de Regularidade Previdenciária

CDH - Comissão de Direitos Humanos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 “O PAPEL DE CADA UM”	13
3 BRASIL E O ALTO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA	23
4 CASOS DE VIOLÊNCIA	28
5 PERFORMANCE	33
6 DESCRIÇÃO DA PERFORMANCE VIOLÊNTAS VOZES, VIDAS CALADAS	37
7 CONCLUSÃO	41
8 REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Diante de agressões físicas, psíquicas e um elevado número de óbitos, principalmente em nosso país, envolvendo pessoas da comunidade LGBTQIA+, da qual também faço parte, meu memorial terá como base principal a apresentação de uma performance que lida com todos esses aspectos.

Muitos casos de violência são ignorados e apagados para ocultar a realidade dessas pessoas, mas ainda resta o ódio que sofreram com atos de preconceitos, como agressões verbais, torturas e até violentas e absurdas mortes. Foi, então, por meio da arte da performance que encontrei um meio que poderá trazer essa discussão crítica à tona, criando através dela, um conhecimento e uma reflexão sobre a realidade que vivemos e as imposições sociais que nos são atribuídas no momento em que descobrem nosso sexo biológico.

O assassinato de Gabriel Batista, “O papel de cada um”, minhas vivências e de muitas outras pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, resultam numa junção de fatos que me inspiraram a dar início a criação da performance que foi apresentada e a este memorial.

A performance, em seu projeto inicial, foi planejada para ser apresentada para um público ao vivo, para que houvesse uma conexão maior entre performer e plateia. Afinal, a troca de energia que ocorre durante uma apresentação de teatro proporciona mais vida a apresentação, pois que é o ator que comanda os movimentos e não a câmera. Porém, sua produção teve de ser adaptada para o modo de vídeo devido a pandemia do COVID-19. Assim, o seu resultado não foi como esperado pela falta de poder chegar mais perto do público e ter essa conexão visual. Na câmera, eu não tive como fazer uma filmagem adequada com seus closes e enquadramentos, pelo fato de ela ter que permanecer imóvel durante toda a gravação, não alcançando os objetivos propostos inicialmente. No entanto, resolvemos não alterar o material com edição, para deixar o registro da crueza desse momento de pandemia e para, quiçá, remeter a ideia original de uma performance contínua.

Durante a elaboração teórica do trabalho, adquiri um conhecimento mais aprofundado sobre o tema com relatos absurdamente cruéis, que me motivaram a ir atrás de alguma forma que pudesse trazer uma reflexão sobre nós LGBTQIA+. Almejando, através da arte performática e das questões problemáticas envolvidas,

não calar as vozes que querem ser ouvidas, que a sociedade que nos reprime repense melhor sobre seus atos e que respeitem a diversidade que existe entre nós.

Para uma melhor compreensão sobre o resultado obtido nesta ação, busquei trazer minha experiência com a apresentação do “O papel de cada um”, onde apresentei exemplos de experiências de uma mulher transexual no meio social e profissional, através do papel chamado Sofia.

Em seguida abordo o tema gênero, relacionando-o com autoras como Butler e Bento, que relatam suas contextualizações sobre gênero, imposições de padrões sociais para homens e mulheres e suas visões diante das problematizações que são vivenciadas por mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+.

Logo após ressaltar gênero, o preconceito gerado caso o indivíduo não se adeque ao seu sexo biológico e a questão sobre diferenciar os termos orientação e opção sexual, os casos de violência especificamente no Brasil são abordados. O elevado índice de violência e óbitos, juntamente com relatos de casos reais ocorridos em nosso país.

Finalizo com uma breve contextualização sobre a performance, para uma melhor compreensão sobre a linguagem da arte apresentada neste trabalho e a descrição da mesma com suas adaptações que tiveram que ser feitas devido a pandemia e modo como foi produzida.

2 “O PAPEL DE CADA UM”

“Qual o seu papel? Sem ranhuras, sem deformidades, sem rascunhos... Isso importa? Seus amassados carregam histórias numa sociedade seletiva e doentia. Embora renegados, esquecidos e desaparecidos: RE-EXISTIMOS!”

A partir desse trecho de uma performance apresentada por mim e minha turma de bacharelado em teatro, iniciei minha pesquisa, que busca trazer à tona, ao longo do desenvolvimento teórico, a problematização sobre violência e o “papel” da comunidade LGBTQIA+ na sociedade.

Com o fundamento em trazer uma crítica social e uma reflexão é que essa ação foi criada. Trata-se de pessoas que vivem em prol de uma luta por justiça, respeito e igualdade. “O papel de cada um” busca relatar como nós, minorias, estamos fora do padrão social e nos moldamos conforme nossas vivências. Somos cheios de ranhuras, deformidades e cicatrizes, que são estampadas em nossos corpos. O único papel nessa performance que é “lisinho” é o de Alfredinho: homem branco, heterossexual, cisgênero e de uma classe mais alta na sociedade. Ele não precisa saber o que é passar por preconceito ou dificuldade financeira, pois seus pais sempre lhe deram tudo que pedia, ou seja, vive numa família de bens, adapta-se ao padrão e nunca saberá o que é ser um papel amassado.

Figura 1 - Apresentação “O papel de cada um”



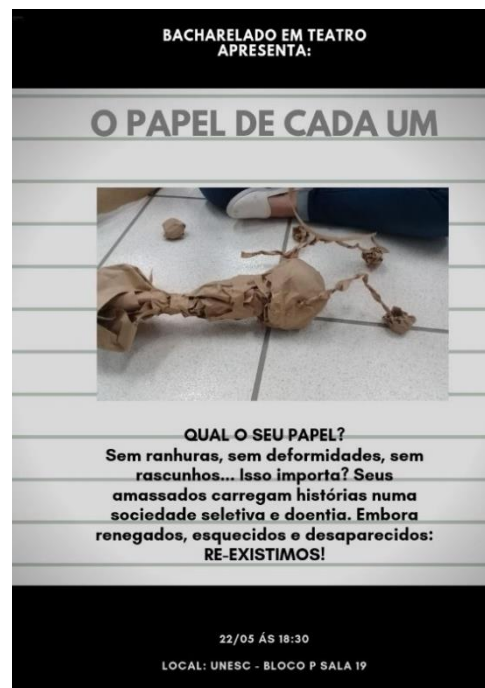
Fonte: arquivos do curso

Figura 2 - Apresentação “O papel de cada um”



Fonte: arquivos do curso

Figura 3 – Peça de divulgação “O papel de cada um”



Fonte: Ana Bertolina

A transexual, o negro, o índio, a menina com síndrome de Down, a com sofrimento psíquico, a que sofreu de abuso sexual e a mãe solteira, todos eles, com suas especificidades e as experiências que suportaram, seja por conta de sua orientação sexual, gênero, cor da pele, raça ou deficiência, fazem parte de um conjunto de pessoas taxadas como minoria. Fazer parte dessa ação aflorou um lado crítico meu, que busca trazer representatividade para nós, minorias, através da linguagem da arte, pois uma dessas pessoas é integrante da comunidade LGBTQIA+.

Nessa ação, estive no papel de uma mulher transexual, chamada Sofia. Ela não se identificava com seu sexo biológico e sempre esteve na busca da sua real

identidade, mas infelizmente a sociedade não disponibiliza espaço para pessoas que fogem do “natural”. O preconceito muitas vezes fala mais alto, seja no trabalho ou num simples passeio no parque. Mesmo não sendo meu lugar de fala¹, por não ser transexual, sou LGBTQIA+ e sei o quanto é importante trazer a público tais vivências, com intuito principal de gerar reflexão a um maior número de pessoas, para que repensem seus julgamentos e preconceitos. Afinal, as pessoas não se tornam LGBTQIA+, são suas vivências e descobertas de si próprias ao longo de seu desenvolvimento que as fazem ser quem são. Alguns ainda muito jovens não compreendem o fato de serem diferentes dos que estão a sua volta e se sentem isolados, pois falar sobre orientação sexual ou identidade de gênero gera uma tensão entre famílias e escolas. Muitas vezes, ao abordar esse tipo de conteúdo, essas instituições acabam buscando, em alguns casos, “esconder” e induzir apenas um caminho “correto” a ser seguido. Fazendo assim, com que essas pessoas tenham que passar por essa descoberta sozinhos e se sintam isolados, fechados, por não transparecer quem são, pois sempre o ensinaram quais seriam as “formas corretas”. Ocasionalmente consequentemente o medo do meio social, do ambiente de trabalho, escola, faculdade e dentro de suas próprias famílias.

Algumas pessoas usam o termo opção sexual para remeter ao que seria ao certo a orientação sexual de cada um. Quando se trata como opção, se passa a ideia de que temos alternativas e que, entre elas, teremos o poder de escolher uma para viver. Assim fosse, uma mulher lésbica, por exemplo, poderia escolher um homem para se relacionar, mas escolheu ficar com uma mulher por opção sua. Mas a orientação sexual não envolve opção, ela é “como a afirmação de uma identidade pessoal cuja atração e/ou conduta sexual direcionam-se para alguém de mesmo sexo

¹ Em seu livro “Lugar de Fala”, Djamila Ribeiro nos traz um entendimento sobre o termo utilizado, ao mencionar que é “possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência.” (RIBEIRO, 2017, p. 35-36)

(homossexualismo²), sexo oposto (heterossexualismo), ambos sexos (bissexuais) ou a ninguém (abstinência sexual)”. (RIOS, 1998)

Utilizei uma cena subjetiva para iniciar uma reflexão e um questionamento sobre a temática LGBTQIA+, especificando, nesse momento, a relação com a minha personagem transexual, Sofia, da ação “O papel de cada um”. Pense nesta suposição: em uma novela ou filme que você assiste vão existir diversos personagens e vai ser fácil associar o nome e as características do personagem criado, mesmo conhecendo o ator que estará interpretando, sem nenhum questionamento; com outros artistas também, como cantores, por exemplo, com seus nomes artísticos, ocorre o mesmo. Por que com pessoas que não se identificam com seu sexo biológico e aderem ao gênero ou imagem performática desejada – se caracterizar de forma que expresse masculinidade ou feminilidade - você não poderia fazer o mesmo?

Ao ir mais a fundo na característica principal da minha personagem, o tema gênero surge em minha pesquisa e inicia uma abordagem mais aprofundada em tal conteúdo para uma melhor compreensão, pois quando se aborda o termo gênero, normalmente, já se têm em mente algumas predefinições baseadas em conhecimentos prévios sobre o assunto. Isso pode ser visto em Butler (2003, p.26), para quem o gênero pode ser definido a partir da cultura em que as pessoas se encontram, como sujeitos passivos diante de uma sociedade com uma lei cultural inexorável. Quando temos uma cultura que constrói e estabelece quem devemos ser a partir de conceitos socioculturais, não são definições biológicas, fixas, que irão se tornar seu destino, mas sim a cultura em que se está inserido.

É dentro desse contexto de gênero que Sofia – minha personagem – se encontra. Quando nasceu, foi construída para ser um homem dentro definições colocadas como masculinas. Mas ao longo de sua vida foi percebendo que não se identificava com a imagem performática masculina que via ao se olhar no espelho, foi então que iniciou seu processo de transformação. Essa situação pode ser compreendida pelo olhar de Butler (2003), apresentando uma ideia de gênero em que ela não atribui o sexo a determinado gênero, mas sim que o gênero pode ser

² Sabe-se que o sufixo de origem grega “ismo”, além de denotar “condição patológica”, é o mesmo que usamos para indicar “doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso”; “ato, prática ou resultado”; “peculiaridade”; “ação, conduta, hábito, ou qualidade característica”. Pelo fato de se tratar de uma citação direta optou-se de manter a termo original. (AURÉLIO apud RODRIGUES, VEJA, 2011)

transformado e adquirido, ao contrário do sexo biológico, que não pode ser mudado. Ela apresenta em seu mesmo livro, em seguida, a teoria de Beauvoir, afirmando que:

[...]o sexo e o gênero são radicalmente distintos, não decorre daí que ser de um dado sexo seja tornar-se de um dado gênero; em outras palavras, a categoria de “mulher” não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino, e “homem” não precisa necessariamente interpretar os corpos masculinos. Essa formulação radical da distinção sexo/gênero sugere que os corpos sexuais podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes, e que, além disso, o gênero em si não está necessariamente restrito aos dois usuais. Se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente corpo sexual, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo. (BEAUVOIR apud BUTLER, p. 163, 2003)

Representar o papel de Sofia, para mim, foi algo além de uma personagem. Eu me sentia no seu lugar, sentia suas emoções, pois como um membro da comunidade LGBTQIA+, sei as dificuldades que passamos na sociedade que busca nos enquadrar num rótulo. Sei, pois estou fora deles, sendo uma mulher que performa masculinidade, inserida em uma sociedade que impõe a cada pessoa o seu papel a seguir a partir de seu sexo biológico. Mas o gênero vai além das características socioculturais como a autora Salih (2012, p. 89) nos traz em seu livro sobre a teoria queer de Judith Butler, o gênero não é somente algo que somos, mas sim os atos que fazemos, como “[...]um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos, um verbo em vez de um substantivo, um ‘fazer’ em vez de um ‘ser’ .” (SALIH apud GT, 1990, p.25).

A partir desses atos e escolhas que fazemos durante nossa vida, a sociedade vai definir quem somos. Através de múltiplas atitudes, como o modo com que se veste ou como transforma seu corpo, por exemplo, com próteses e musculação, a sociedade já irá ter uma definição a partir de conceitos preestabelecidos pela própria sociedade de quem você é e como age. “Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente - pelo próprio sujeito e pelos outros.” (SALIH, 2012, p.83)

A partir dessas marcações e delimitações, o gênero pode ser definido como um “‘estilo corporal ‘, um ato (ou uma sequência de atos), uma ‘estratégia’ que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não ‘faz’ seu gênero corretamente é punido pela sociedade.” (SALIH apud GT, 1990, p. 139-140). Quando falamos sobre a definição de um sujeito, estabelecer quem ele é, nomear a partir de uma cultura, poderá implica-lo em uma série de probabilidades. Porém, muitos desses resultados poderão não ser dignos de um indivíduo e podem deixá-lo em

desvantagens de acordo com quem você é ou se tornará. (SALIH, 2012). Pode-se contextualizar essa afirmação trazendo como exemplo as declarações ditas pelos personagens do “Papel de cada um” ao final de suas falas, em que descrevem quem são e parte de sua experiência de vida, finalizando com “joga fora da sociedade”. Através desse argumento “joga fora da sociedade”, nos traz uma realidade que a maioria de nós que somos LGBTQIA+ enfrentamos perante a sociedade: somos vistos por algumas pessoas como alguém inutilizável, inapropriado para viver normalmente em sociedade como todos os outros. Não entendem que cada um tem suas especificidades e merece o seu devido respeito, como qualquer outro indivíduo.

Podemos observar claramente a nítida diferença de realidade das pessoas que se enquadram nos termos ditos como “normais”, denominados cisgêneros – indivíduos que se identificam e performam seu sexo biológico - pois vão ser aceitas pela sociedade normalmente. Dessa forma, algumas pessoas de nossa sociedade irão afirmar que temos “liberdade de escolha”, mas quando se vive dentro de leis ou com uma determinada cultura, provavelmente as escolhas que faremos não serão totalmente livres, por conta que o indivíduo para se enquadrar precisará se ajustar às expectativas sociais e de seus amigos e ao ambiente de trabalho, algumas vezes sem ter a consciência de seus atos. (BUTLER, 2003)

Witting (apud Butler, 2003, p. 168) argumenta que:

a “mentalidade *hetero*”, evidente nos discursos das ciências humanas, “nos oprime a todos, lésbicas, mulheres e homens homossexuais”, porque eles “aceitam sem questionar que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade”.

A partir desse argumento, Louro (2003, p. 49 e 50) traz um fato que se enquadra a essa afirmação citada anteriormente abordando que “em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos”. Em diversas culturas, existe uma construção de papéis na qual definem quem você é diante da sociedade e que lhe fazem conhecer o papel ideal de um homem e de uma mulher para responder às expectativas esperadas. E aqueles que não correspondem a esses critérios impostos acabam que sofrendo com casos de homofobia que podem se relacionar ao medo de muitas pessoas pensarem que por conta dos homossexuais, eles irão deixar de ser considerados homens e mulheres

diante da sociedade. Por exemplo, se você utilizar adereços considerados do sexo oposto, isso lhe tornará “menos” homens ou mulheres. (LOURO, 2003)

Ao relatar essa afirmação, posso trazê-la a minha realidade, em pequenas coisas, ações consideradas normais para muitos, mas para mim, que sou mulher e transpareço uma performatividade³ masculina, são mais complicadas. Por exemplo, em lugares públicos, ao ir a banheiros femininos, pessoas me olham diferente, às vezes se afastam, saem do banheiro, escondem seus filhos, por eu estar presente ali. Nunca sofri agressão física, mas as verbais também são complicadas, marcam e deixam cicatrizes da mesma forma, mas internas. Um caso me marcou: quando trabalhava de caixa, um casal que eu atendia me abordou dizendo que fez uma aposta entre eles para adivinhar meu gênero, ou pessoas que perguntam diretamente se sou homem ou mulher. Roupas são uma representação sua através das escolhas que fazemos ao se vestir, mas que devem ser respeitadas, pois como eu quero ser apenas a Beatriz, uma pessoa comum como qualquer outra pessoa, ser aceita e não questionada por quem sou, todos também buscam esse direito de serem respeitados e terem sua liberdade de escolha.

Na sociedade em que vivemos, algumas pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ decidem permanecer “dentro do armário”, ou seja, esconder quem realmente são por conta da realidade em que vivem. Durante a nossa vida, convivemos com notícias de diversos casos de preconceito sofridos, através das mídias e de pessoas que conhecemos, pessoas que sofreram e sofrem com agressões tanto físicas quanto verbais. Foucault, em seu livro da “História da Sexualidade”, volume I, nos traz essa questão afirmando:

[...] Que a pessoa pode sobreviver, desde que não apareça, ou seja, desde que se coadune a esse parâmetro. As mulheres, os negros e os homossexuais terão direitos desde que se comportem e aceitem todas as visões do mundo, as posturas e as condutas dos homens brancos heterossexuais. (Apud RIOS; PIOVESAN, 2001, p. 157)

³ Utilizo-me aqui desse termo, a partir da seguinte ideia: “a identidade de gênero dos sujeitos está associada às ações que são performadas repetidas vezes em sociedade. Neste caminho, pode-se dizer que as ações de um sujeito podem ser reiteradas como uma forma que o mesmo possui de se mostrar ao mundo, criando narrativas sobre o próprio corpo e abarcando discursos, inclusive, que não fazem parte de uma dada ordem social. Neste caso, o sujeito que performatiza o seu gênero pode estar contestando a normatividade cotidiana, almejando ultrapassar as fronteiras binárias homem-mulher, como, por exemplo, o caso dos sujeitos trans.” (GASPERI, p. 2 apud BUTLER, 2015)

Butler, em seu livro “Problemas de Gênero” (2003, p.168 apud WITTING) traz esse problema com o seguinte argumento “essa heterossexualidade presumida, sustenta ela, age no interior do discurso para transmitir uma ameaça: ‘você-será-hetero-ou-não-será-nada’”. Com essa imposição de que existe apenas um gênero e uma sexualidade adequada para um homem e para uma mulher, os muitos que acreditam nessa única maneira “certa” de se viver, acabam procurando maneiras para tentar “curar” essas pessoas, que são taxadas com alguma patologia ou pensam que pode ser também por conta de problemas familiares e, a partir dessa conclusão, tentam levá-las a lugares que possam reabilitá-las e assim estarem “a salvo”. (LOURO, 2004, p. 87-88). Um método que não tem possibilidade de surtir efeito, pois não há uma cura para o que não está doente. Apenas somos assim, não escolhemos nossa realidade, ninguém escolheria sofrer preconceito e violência durante sua vida, se pudesse ter uma melhor e viver uma realidade totalmente diferente da que vemos em nosso país para membros da comunidade LGBTQIA+.

Diante dessa cultura em que vivemos e que nos impõe predefinições desde o nascimento, Louro (2004, p. 80-81) em seu livro “Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer”, apresenta uma teoria segundo a qual o ser humano quando nasce com um determinado sexo, logo se determinará seu gênero, ou seja, masculino ou feminino. E, assim, espera-se consequentemente que sua atração sexual seja pelo o sexo oposto ao seu. Mesmo ao longo de sua vida, quando vão ocorrer diversas transformações, espera-se que sejam seguidos os padrões de determinado gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Durante minha aceitação e descoberta sobre meu gênero e minha sexualidade, descobri que ainda ela se mantém em constante movimento. Por isso, não possuo rótulos para poder descrever em que “caixinha” eu me enquadraria perante a sociedade, pois é algo que foge da “convencionalidade”. A contraparte, é que isso acaba gerando o estranhamento, o preconceito pelo o que é diferente do padrão delimitado social e culturalmente.

Trazendo esse assunto em pauta, em uma entrevista, a psicanalista Letícia Lanz assinala que existem diferenças nítidas em produtos nas lojas que são destinados a meninos e meninas, e que se houver algum acaso da criança gostar dos brinquedos que não são vistos como adequados a seu gênero biológico, ela estará percebida como se estivesse sofrendo de algum tipo de anomalia. A psicanalista comenta que existem “casos de crianças que são tratadas com bloqueadores de

hormônios de maneira precoce para satisfazer a ansiedade dos pais que querem ‘normalizar’ seus filhos”. (FIGUEREDO, 2018, n. 20. p. 51)

Mas o que te faz dizer que você é uma mulher ou um homem? Somente seus órgãos sexuais? Diante desse questionamento, Bento nos traz a suposição: e se não houvesse um gênero? O livro “O Menino que brincava de ser” (BENTO apud MARTINS, 2008) “narra a história de um garoto que gostava de brincar de faz de conta e, nesse espaço mágico, ele encarnava uma bruxa, outras vezes Peter Pan, para o desespero dos pais. [...]”, mostrando a liberdade que uma criança deve ter com sua imaginação, deixá-la ser quem ela deseja e se identifica, e não desde cedo impor a ela as regras sobre o que são “coisas de menino” e o que são “coisas de menina”. A partir dessa ideia de extinguir o gênero ela nos traz seu pensamento “[...] Quando penso na abolição de gênero, penso em ficarmos com a dimensão da fluidez e combater as supostas determinações biológicas para explicação de nossas subjetividades e desejos”. (BENTO, 2017, p. 155)

As afirmações coisas de menino e coisas de meninas são algo muito comum de se ouvir principalmente se você é criança, quando normalmente pais tentam enquadrar seu filho na categoria “correta”. Quando eu era criança, brincava muito com brinquedos designados a meninos, me socializava melhor também com eles em brincadeiras e hobbies. Mas seus gostos nem sempre vão definir quem é ou será você, a criança não tem maldade, ela apenas quer brincar. Mas o olhar do adulto ao ver algo fora do taxado comum, vai buscar “resolver” essa “anomalia”, para ajustar seu filho(a) ao “correto”.

Nos anos 30, “terapias desenvolvidas tinham por objetivo reduzir o prazer homoerótico e aumentar o prazer por objectos [sic] sexuais do outro sexo. Iniciam-se nesta lógica, as terapias de conversão que associavam a um estímulo homoerótico um reforço negativo.” (APA, 2009b, apud OLIVEIRA e NOGUEIRA, 2010, p.26). Terapias extremas que levavam o sujeito à tortura, para realizar um objetivo que está fora do alcance de qualquer indivíduo, pois a orientação sexual como citado anteriormente não é uma escolha, pois nenhum de nós desejaria escolher viver uma vida onde o preconceito contra LGBTQIA+ é visto frequentemente, principalmente em nosso país. As terapias “recorriam ao choque elétrico ou à ingestão de drogas provocadoras de náuseas enquanto expunham o indivíduo ao estímulo” (APA, 2009b apud NOGUEIRA; OLIVEIRA, p. 26 2010). Naquele período e ainda nos dias atuais existem pessoas que acreditam nessa possibilidade, o que acaba gerando danos a

essas pessoas que sofrem com tais “terapias de cura”, que obviamente acabam sem resultado algum.

De acordo com Bento (2017, p. 154), “aquilo que foge a essa identidade essencial deve ser entendida como um transtorno. O gênero, portanto, de uma categoria cultural, passou a ser uma categoria diagnóstica”. Mas felizmente gays e lésbicas, por exemplo, não podem mais ser diagnosticados com algum tipo de patologia. Alguns pais acabam se utilizando de outro meio para poder “resolver” o problema de seu filho(a), visitando consultórios onde o psicólogo⁴ concorda com este tipo de designação e aderem ao diagnóstico de transtorno de identidade de gênero, como consta no CID 10, categorias F65 “Transtornos da preferência sexual” e F66 “Transtornos psicológicos e comportamentais associados ao desenvolvimento sexual e à sua orientação” como uma solução para resolver tal problema. Apesar de ainda contarmos com esses tipos de diagnósticos, obtivemos algo a nosso favor e defesa, quando no ano de 2018 o CFP assina a carta internacional pelos direitos das pessoas LGBTQIA+:

“O documento afirma que as identidades lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexuais e queer (LGBTIQ+) são variações normais e saudáveis da experiência humana e que todos os seres humanos são dignos e respeitados, incluindo o respeito à diversidade com base na orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero e diferenças de desenvolvimento sexual. O documento condena a discriminação e a estigmatização das identidades LGBTIQ+, apoia as políticas públicas LGBTIQ + que garantem a igualdade de tratamento perante a lei e apoia o desenvolvimento e a implementação dos serviços psicológicos e médicos afirmativos LGBTIQ +.” (CFP, 2018)

Esse tratamento com pessoas LGBTQIA+ em busca de “resolver” nossos “transtornos”, “distúrbios”, vem ocorrendo por conta de uma sociedade que ainda não teve seu momento de evolução suficiente para aceitar o diferente e respeitar a liberdade de escolha do outro, o que acaba gerando o preconceito que vemos no nosso dia a dia.⁵ Como foi trazido a início do trabalho, com a chamada do “Papel de

⁵ Isso ainda sem contar outra questão pouco discutida, mas de suma importância: para pessoas que nascem intersexuais as burocracias a serem enfrentadas iniciam assim que a criança nasce. No Brasil, existe uma “Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre registros públicos, em seu artigo 54, impõe, dentre os requisitos para o registro do nascimento, o sexo e o prenome.” (ARRIGONI, 2017) Desta maneira, a escolha de definição de gênero era determinada pela escolha dos pais e não do indivíduo. No entanto, felizmente, em 2003, o “artigo 4º da Resolução nº 1664/2003, expõe os avanços mais importantes na área, ao tornar obrigatória a presença de uma equipe multidisciplinar para diagnosticar e tratar o intersexual, e estabelecer que sendo o paciente consciente de sua condição, e podendo ele opinar, deverá ser consultado sobre a definição de seu sexo.” (SODRÉ, 2016)

cada um”, vivemos em uma sociedade seletiva e doentia, muitas vezes extremista, em busca de uma idealização, almejando transformar todos os papéis amassados em lisinhos, mas de uma forma violenta, cortam-se seus pedaços deformados e colam-se de uma forma aceitável ao seu ponto de vista, que até pode resultar num papel liso, mas cheio de cicatrizes, ou até mesmo um papel definido como inútil e jogado fora de formas brutais. Apoiada nessa subjetificação do preconceito LGBTQIA+, início uma pesquisa quantitativa que tem como assunto principal a violência contra quem faz parte dessa comunidade.

3 BRASIL E O ALTO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA

Gabriel Batista, 21 anos, acadêmico do curso Bacharelado em Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Gabriel era homossexual, negro e performava feminilidade. Ele foi um colega de turma que sempre se destacou pelo seu jeito alegre de ser, tinha uma alma artística que encantava a todos com suas atuações e performances. Mas o preconceito não vê isso, vê apenas uma pessoa que não se encaixava na cisheteronorma e, dessa forma, Gabriel foi mais um “papel” descartado da sociedade. Ele tinha ido visitar sua família em Cascavel, Paraná e voltaria para Criciúma, mas, infelizmente, um dia antes de Gabriel viajar “foi assassinado na madrugada do dia 1ª de novembro de 2018, por volta da 1h.” (G1, 2018). Apenas um golpe de facada fez com não resistisse aos ferimentos e fosse levado a óbito no local, mesmo após ter sido socorrido por equipes do Corpo Bombeiros e do Samu. (G1, 2018).

O caso de Gabriel reflete a realidade de muitos LGBTQIA+, principalmente em nosso país, onde os índices de violência contra tal comunidade são extremamente altos. São vidas tiradas por conta da discriminação de indivíduos que se consideraram no direito de designar o certo e punir aqueles que não estão de acordo com o padrão proposto.

Em todo o mundo, ouvimos falar em discriminação e preconceito de todas as suas formas, raça, gênero, orientação sexual e religião, mas será abordado em específico neste trabalho sobre orientação sexual e gênero, especificamente no Brasil, o país com o maior índice de “assassinatos de travestis e transexuais em todo o mundo, de acordo com a ONG Internacional Transgender Europe”. (BENTO, 2017, p. 232). “No ano de 2019, foram confirmadas informações de 124 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 121 Travestis e Mulheres Transexuais e 3 Homens Trans.” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019, p. 22)

Nós que fazemos parte desse grupo LGBTQIA+, sabemos que estamos sempre em constante perigo. Nas ruas, seja dia ou noite, ou até mesmo dentro de casa, quando familiares não aceitam e respeitam que somos. Mas quando se trata de agressões físicas ou assassinatos, dentro desse grupo existe uma porcentagem ainda maior de violência para com as pessoas negras, se você for um homem gay, com traços mais femininos ou um transexual. Segundo Bento (2017, p. 60),

Se você é gay, rico, branco e, principalmente, *não é feminino*, certamente você é assimilado como quase heterossexual. Se você é gay e é feminino (nesse caso, você pode ser negro ou branco, rico ou pobre), a possibilidade de violência contra você crescerá consideravelmente.

Em muitos desses casos de preconceitos e/ou violência, “os agressores são homens, jovens, heterossexuais, e parecem professar uma ideologia machista e patriarcal” (MARTINS et al. 2010, p. 5) em busca de ideais heteronormativos, que visam somente um modelo correto de se viver, onde o sexo biológico que lhe foi destinado ao nascer lhe atribui a determinados padrões de gênero – masculino e feminino- e sua sexualidade deverá desta forma ser somente pelo seu sexo oposto. Caso contrário, terá grandes chances de sofrer algum tipo de preconceito, violência verbal e/ou física, durante sua vida, e provavelmente em seu campo de trabalho, pois ser “trans, negra e periférica, é o perfil médio das vítimas de assassinato entre pessoas transexuais no Brasil: 59,2% delas têm entre 15 a 29 anos.” (BATISTA, UOL, 2020)

Basta pesquisar na internet que encontramos diversas notícias de pessoas espancadas e muitas vezes até assassinadas por causa da discriminação das pessoas. Em muitas das situações, isso ocorre no meio da rua, ou em lugares menos movimentados, e os autores nem sequer conhecem a vítima. Mas infelizmente em muitos casos as agressões e até mesmo as mortes são causadas pelos próprios pais. Um exemplo a ser citado foi o caso de Itaberli Lozano, de 17 anos, que foi espancado por duas pessoas, seguindo ordens da própria mãe, para dar um “corretivo” no jovem, que após a agressão foi morto com golpes de faca realizados pela mãe que não aceitava o fato de o filho ser homossexual. (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 92)

Outro caso de discriminação está o caso de Verônica Bolina, que Bento (2017) nos relata em seu livro: “uma mulher negra, com seios expostos, o rosto completamente deformado por agressões de policiais, cabelos cortados, estirada no chão.” Verônica foi assassinada dentro de uma delegacia, pelos próprios policiais. Esse dado nos confirma a realidade em que vivemos, onde civis que não fazem parte do grupo privilegiado branco, hetero e homem cis, dependemos de contar em algumas ocasiões com a sorte, pois há policiais que em agem de forma abusiva, cometendo crimes raciais e LGBTfobia. Mesmo assim temos que depender deles para uma boa parte da nossa segurança. Mas como confiar quando se há relatos de muitas outras Verônicas? O Estado não está a nosso favor, com todas essas mortes, vemos apenas uma dizimação em massa da população LGBTQIA+ em nosso país. Temos que

confiar em nossa sorte e na integridade dos bons policiais que cuidam de nossa segurança social.

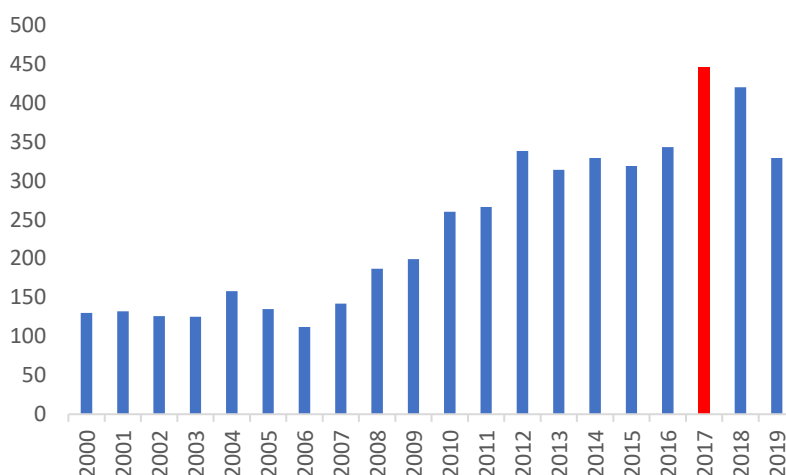
Esse fato vem revelando a homofobia institucional, praticada por policiais, inadmissíveis [sic] em um Estado Democrático de Direito. Essa pesquisa vem revelando as manifestações em diferentes setores da sociedade, e em especial na sociedade civil e política, perpetuada pelos “aparelhos ideológicos do Estado”, inclusive pela escola entre outros (ALTHUSSER, 1992 apud MARTINS et al. p. 5, 2010)

O Brasil, com o seu alto índice de violência, “registrou 141 mortes de pessoas LGBT de janeiro a 15 de maio deste ano. Segundo a entidade, foram 126 homicídios e 15 suicídios, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas.” (SOUZA; ARCOVERDE, 2019) Se tornando um dos países mais perigosos de se viver acaso você faça parte do grupo LGBTQIA+. Entre os estados do Brasil que apresentam um maior número de mortes estão:

São Paulo (22), Bahia (14), Pará (11) e Rio de Janeiro (9). O número de vítimas que morreu dentro de casa foi maior do que o em vias públicas, 36 contra 28. A principal causa da morte foi arma branca (39), seguida por arma de fogo (22), espancamento (13) e estrangulamento (8). (SOUZA; ARCOVERDE, 2019)

A seguir um dado da pesquisa do Grupo Gay da Bahia para um melhor levantamento do número de casos de óbitos registrados.

Tabela 1 - Gráfico do número de mortes registradas desde o ano 2000.



Fonte: GGB, 2019.

Através dos números podemos ver o resultado terrível do preconceito que há em nosso país, centenas de inocentes levados a óbito, das mais variadas formas, “cidadãos brasileiros, foram vítimas mortais da intolerância, ódio e descaso das autoridades”. (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 32) O transfeminicídio é o caso que vemos com mais frequência no Brasil, o que “caracteriza-se como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pela negação de humanidade às suas existências.” (BENTO, 2017 p. 233). O preconceito e a não aceitação que gera é tão grande, que não se tem nem um respeito após morte, com maioria de suas vítimas sendo noticiada com seu nome de nascença e não o qual se identificava através de sua identidade performática, que lutou a sua vida inteira para obter dentro do âmbito social, tudo isso é esquecido e apagado da sociedade. (BENTO, 2017)

Através de tantas lutas na busca por direitos igualitários e principalmente respeito. Durante anos, a comunidade LGBTQIA+ vem almejando e procurando ter seu lugar de direito, ser aceita dentro de nossa sociedade, com a liberdade de escolha que é dito que temos. Até que finalmente em maio de 2004:

O governo Lula lança o programa Brasil sem Homofobia – conjunto de ações que visa combater todas as formas de preconceitos contra transexuais, travestis, lésbicas e gays. Essa foi a primeira vez na história que um governo tomou para si a tarefa de combater os preconceitos por orientação sexual e de gênero. (BENTO, 2017, p. 218)

Como vivemos em um país onde o preconceito é muito grande contra nós LGBTQIA+, mesmo após esse programa criado em 2004, a margem de homicídios continuou a crescer a cada ano, diversas pessoas sendo agredidas de todas as formas, psicológica e fisicamente. Só nos traz a realidade dos números de óbitos que temos todos os anos, seguindo como o país que mais mata pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+.

O Brasil é um país paradoxal: tem a maior parada gay do mundo, com mais de dois milhões de pessoas nas ruas da cidade de São Paulo, e mais de uma dezena de paradas espalhadas por várias capitais e cidades no interior do país reivindicando direitos para os homossexuais, contudo ainda apresenta forte intolerância contra os segmentos LGBT. (MARTINS et al. 2010, p. 1)

Vivemos em um país que vai contra seus próprios dizeres e leis⁶, temos leis que deveriam nos proteger de tantos casos de violência que já ocorreram, diversos movimentos que vão à luta por direitos igualitários e o alcance positivo que temos em alguns deles, como a parada do orgulho LGBT⁷. É algo que deveria ser muito diferente da realidade que vivemos atualmente, estamos em um século que cada vez mais temos avanços tecnológicos, mas a mente humana que deveria evoluir junto com seus pensamentos ficou estagnada no passado, continuam com o mesmo pensamento retrógrado, o que acaba gerando essa maior dificuldade de aceitação e preconceitos cada vez maiores entre as pessoas.

Diante desses dados citados, pude perceber que a situação em que nós LGBTQIA+ estamos vivemos, um preconceito que gera agressão física extrema, psicológica ou senão o próprio sujeito sem um suporte adequado para lidar, gerando casos de suicídios. Em busca de uma visibilidade maior, respeito e uma vida digna, me inspirou a trazer esse meu trabalho performático para o público, almejando uma reflexão que gere efeitos positivos através do impacto da ação apresentada.

⁶ No ano de 1995, “Marta Suplicy cria um projeto de Lei nº 1.151/95, onde permita a união estável entre pessoas do mesmo sexo.” (LIMA; AKIYOSHI) Dois anos depois “em 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM), através da Resolução nº 1.4821, autorizou a realização de cirurgias de transgenitalização em pacientes transexuais no país, alegando seu caráter terapêutico.” (ARÁN et al. 2007, p. 1142). Mas somente em “05 de maio de 2011 que o STF reconhece a união homoafetiva.” (STF, 2011)

⁷ Em 28 de junho de 1997 surge a primeira parada gay no Brasil, realizada em São Paulo. E “em 1999, já com o nome de Parada do Orgulho LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), o evento entrou no calendário oficial da cidade de São Paulo, tornando-se o maior do mundo no gênero.” (MEMORIAL DA DEMOCRACIA)

4 CASOS DE VIOLÊNCIA

Como pudemos ver no capítulo anterior através de dados envolvendo o alto índice de violência, há diariamente vítimas de homofobia e violência de gênero por todo o Brasil. Em muitos dos assassinatos, percebe-se o excesso de violência, mesmo após o indivíduo ter ido a óbito. Parece, por isso, que existe um sentimento de raiva juntamente com um ódio que domina e motiva tais agressores: “a cabeça esmagada, as dezenas de facadas e o estrangulamento compõem o excesso, o inexplicável, e comprovam, de forma cabal, a ocorrência da homofobia.” (FILHO, 2015, p.16)

Para se poder classificar um crime como homofóbico, avalia-se “a intensidade com que a violência é empregada e as marcas produzidas nos corpos das vítimas”. Como podemos ver, em muitos casos em que a pessoa agredida está com sinais de lesões extremas, a questão vai além de um assassinato comum, que tem como finalidade somente a morte de sua vítima, pois onde há homofobia além de levar a óbito, o agressor exerce uma intensa violência, mesmo após a morte. “Segundo o Movimento, é nos interstícios entre o excessivo e o inexplicável que a homofobia se constrói.” (FILHO, 2015, p.16)

Alguns desses casos, em que os criminosos se dizem heterossexuais, mas mantêm uma relação com pessoas do mesmo sexo, acabam que quando sua intimidade é divulgada a público, tem uma reação de violência extrema motivado pelo “desejo de manter escondido o desejo homoerótico, levando a uma reação colérica afim de ‘lavar a honra com o sangue da vítima.’ ” (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 82)

Em muitas ocasiões de assassinatos, suas vítimas sofrem diferentes formas de tortura: são amordaçadas, amarradas, diversos hematomas espalhados pelo corpo, carbonização e até mesmo rituais são feitos antes de ser levada a óbito pelo seu agressor. E após o ato, as vítimas que acabam sendo deixadas em suas residências vão acabar sendo encontradas somente tempos depois, com estado avançado de putrefação. (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 82)

A partir dos relatos dos homicídios que ocorreram em suas residências, podemos nos basear que nenhum lugar é seguro para uma pessoa que seja LGBTQIA+. As agressões seguidas de morte podem também ser “em locais de diversão e prostituição, bares, boates e saída de casas de show. Há casos envolvendo brigas, *bullying*, cobrança de dívida, mortes por ciúmes. Alguns LGBT são enterrados em cova rasa no quintal, mangue, vala, esgoto.” (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 83)

Muitos dos casos de homofobia acabam vindo de dentro de sua própria casa, em suas famílias, quando os pais não aceitam e assim ocasionam agressões físicas, verbais e psicológicas, por exemplo. Segundo Guerra e Rocha (2013?), a família é muito importante no “desenvolvimento emocional e psíquico da criança e do adolescente”, pois é nesse meio que o sujeito se sentirá como parte de um grupo social. Porém quando os pais são tomados pelo preconceito, muitos não acolhem os filhos, por serem diferentes do considerado normal, e assim causam muito sofrimento e danos a esses filhos. Entende-se assim que, além de sofrerem diariamente com o preconceito e discriminação da sociedade, a maior dificuldade enfrentada por estas crianças e adolescentes é dentro da sua família.

Em uma pesquisa qualitativa realizada por Braga et al (2018) com jovens gays e lésbicas, entre 14 e 24 anos, foram relatadas que em suas vivências familiares, ao “sair do armário”, sofreram reações violentas, perseguição, rejeição e até expulsão de casa. Alguns relatos também trazem a autoestima baixa como reflexo da pressão dentro de casa. Em alguns casos a figura materna se mostrou compreensiva e acolhedora, enquanto a paterna foi a que mais violentou e discriminou. Um dos jovens ainda relatou que quando tinha 14 anos tomou remédios antidepressivos de uma tia para tentar suicídio, motivado pela rejeição que sofria dentro de casa.

O índice de tentativas de suicídio acaba sendo alto, muitos deles gerados por pressões da sociedade ou dos próprios familiares. São pessoas que não tiveram um suporte para enfrentar as barreiras impostas do preconceito. Como o suicídio coletivo do casal Ares Saturno de 33 anos e Soren Neres Denardi de 31 anos, “casal trans não-binário tiraram suas vidas em um hotel na cidade de Ribeirão Pires, município do Grande ABC, em 19 de janeiro de 2019 e, mesmo que ambas tenham combinado o ato, resta compreendermos o quanto a transfobia mata” (OLIVEIRA; MOTT, 2019 apud GUYS, 2020). Na tabela a seguir podemos analisar em uma pesquisa quantitativa, o resultado dos casos de suicídio no Brasil.

Tabela 2 – Suicídio de LGBT+ no Brasil, em 2019, por orientação sexual.

Orientação Sexual	Quant.	%
Gay	12	37,5

Transexual	9	31,25
Lésbica	7	21,87
Travesti	3	9,38
Total	32	100

Fonte: GGB, 2019.

No livro “Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs” (2019) organizado pelo Conselho Federal de Psicologia, juntamente com os CRPs e CDHs, podemos encontrar relatos de pessoas que sentiram na própria pele o preconceito. O relato abaixo foi feito por uma pessoa não binária, intersexual, pansexual e com 26 anos:

E ele (pai), quando rompeu comigo, falou com essas palavras, mais ou menos, que a minha irmã nunca ia saber que eu existia, porque ele ia queimar as minhas fotos, que eu era uma vergonha, que ele tinha nojo de mim, e que a minha irmã pequena não ia crescer com uma aberração dessas sendo irmã dela. (...) (p.48)

Quando se trata de agressão psicológica os danos são tão cruéis e irreversíveis quanto os físicos, levando a um abalo emocional e até gerando vícios como álcool e outras drogas. Segundo Efren Filho (2016 apud CUNHA, 2018, p.24):

Essas manifestações de hostilidade atingem diretamente a autoestima e os direitos das vítimas, contribuindo para o abalo emocional e levando-as a desenvolverem problemas psíquicos, como depressão, ansiedade, pensamento suicida/suicídio e mutilações.

Uma pesquisa realizada (Costa et. al., 2010) com jovens LGBTQIA+ traz um levantamento que o consumo de drogas é relatado pelos jovens, e hipóteses são levantadas para explicar essa tendência. Uma delas relaciona o fato de começarem a frequentar bares e boates para fazer amigos, já que são rejeitados pela família, este ambiente facilitaria o uso de drogas. O sofrimento causado pelo preconceito também seria motivo para o abuso das substâncias, com o objetivo de diminuir tal sofrimento.

Um fato explícito de preconceito que pode ocorrer também com frequência são pessoas serem questionadas pelo seu gênero, pelo motivo de a sociedade já ter estabelecido o que se adequada a um homem e uma mulher. Questionamentos como por exemplo o que aconteceu comigo, que tenho na visão da sociedade o gênero performático masculino, e diversas outras pessoas que se incluem nesse termo, como o fato de perguntarem se você é menino ou menina, pressupondo no direito de

interferir na intimidade da pessoa em questão. Fatos como esse ainda são considerados “leves”, mas podem vir seguidos de agressões, como no caso do cabelereiro Jackson Ruan Rodrigues de 23 anos, que foi agredido com um copo de vidro, deixando o seu rosto desfigurado, e seu agressor o tinha abordado primeiramente com esse “simples” questionamento de gênero de ser homem ou mulher. (OLIVEIRA; MOTT, 2019 apud JUAZEIRO..., 2020)

Há crimes também quando a vítima se nega a ceder aos atos que os seus agressores lhe obrigam a fazer. Como é o caso da cena acontecida com Jonatas Luiz Machado de 29 anos, que foi agredido por seis homens, pois se negou a tocar nas partes íntimas de um deles, o que gerou socos, chutes juntamente com insultos homofóbicos. (OLIVEIRA; MOTT, 2019 apud GARCIA, 2020). Esse é apenas um exemplo de tantos outros crimes que vemos ocorrer em nosso país. Podemos citar também esse outro caso de uma pessoa não binária, pansexual, indígena, de 23 anos, que nos argumenta infelizmente a triste realidade de muitos de nós “[...]ou você anda 24 horas em alerta, ou você não sobrevive, ainda mais na forma que eu me visto e que eu me comporto na sociedade.” (CFP, 2019)

São tantos casos violência e crimes hediondos contra nós LGBTQIA+ que acaba sendo difícil de acreditar até onde pode ir ódio, a maldade do ser humano por conta do preconceito. O relatório do Grupo Gay da Bahia nos mostra um pouco dessa triste realidade que vivemos, através de alguns casos relatados pelos autores.

E, quando se pensa ter visto de um tudo, aparece um caso no qual o agressor decepou o dedo da vítima para fazer saques com o cartão bancário! Há casos de vítimas que tiveram os dedos das mãos e pés amputados, órgãos genitais dilacerados, sem falar nos degolados e com o órgão genital arrancado. Houve um caso em que o assassino desenhou a estrela de Davi na parede com sangue da vítima, outro em que retirou o coração do infeliz. (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 83)

Todas essas formas de violência, preconceito e LGBTfobia, são apenas o reflexo de nossa sociedade opressora, em que há cidadãos que pregam um modelo de ideal perfeito que seria baseado na cisheteronorma. A partir disso, “o simples fato de serem LGBTIs fez com que tais pessoas vivenciassem na pele as marcas da violência” (CFP, 2019).

“A vida da gente vale menos”, “socialmente falando, a gente vale menos”, como disse um entrevistado: “quando eu mato um LGBT, no meu imaginário, eu estou limpando a sociedade daqueles que têm um demônio no corpo. Eu estou fazendo um bem, tirando da sociedade um cancro”. (FILHO, 2013, p. 6 apud Butler, 2010a)

Somos vistos por maior parte da sociedade atual como uma minoria “descartável”, tal fato acaba resultando em preconceito, agressões e na elevada quantidade de assassinados que obtemos todos os anos em nosso país.

5 PERFORMANCE

O gênero, a orientação sexual e toda a violência e preconceito contra LGBTQIA+ serviram como tema para o desenvolvimento da performance e foram abordados como uma crítica social. Após essa fundamentação teórica problematizada, falaremos sobre o movimento performático que foi contextualizado nesse momento para complementar o desenvolvimento da performance.

As representações performáticas surgiram nas eras mais antigas com seus ritmos tribais, passando pela Grécia e Roma com as celebrações dionisiacas, poetas na idade média, até chegarmos aos cabarés do século XIX e, por fim, à modernidade. Nessa linguagem da arte, o artista é livre para experimentar, há uma liberdade maior em sua criação "visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema". (COHEN, 2002, p.45)

Os movimentos artísticos do século XX, como futurismo e dadaísmo "utilizavam a *performance* como um meio de provocação e desafio, na sua ruidosa batalha para romper com a arte tradicional e impor novas formas de arte". (GLUSBERG, 2013, p. 12). Por meio dessas provocações artísticas, em suas obras, utilizavam para desconstruir e "desafiar modelos já pré-estabelecidos no campo das Artes". (VINADÉ, 2012, p. 16)

Baseando-se em importantes artistas performáticos, observa-se que nessa linguagem da arte "não existe um código de regras que defina um único modo de performar" (VINADÉ, 2013, p. 35). Cada artista tem suas especificidades e conceitos próprios que trabalha em suas ações artísticas. Através dessa linguagem de arte, seus performers podem trazer denúncias sociais ou de suas próprias vivências, prevalecendo um foco maior em suas apresentações a linguagem corporal, seus gestos, movimentações e suas expressões são o que vão dar vida a sua obra, pois até "em repouso ou em movimento, o corpo sempre estará comunicando" (GLUSBERG, 2013 p. 117)

Para uma definição de performance em um contexto atual, essa linguagem da arte acaba abrangendo muitas possibilidades e conceitos do que pode ser considerado uma performance. Segundo Schechner (2003, p. 9 apud VINADÉ, 2013, p. 15):

Hoje, dificilmente existe uma atividade humana que não seja uma performance para alguém, em algum lugar. No século XXI, as pessoas têm vivido, como nunca antes, através da performance. Fazer performance é um ato que pode também ser entendido em relação a: Ser, Fazer, Mostrar-se fazendo, Explicar ações demonstradas[...] A performance não está *em* nada, mas *entre*.

Trazendo-a para o meio teatral, ao relacionar essas duas linguagens da arte, “pode-se considerar a *performance* como uma forma de teatro por esta ser, antes de tudo, uma expressão cênica e dramática.” (COHEN, 2002, p. 56) Através de suas dramatizações, o performer desenvolve sua persona, ou seja, seus personagens para cada apresentação que for feita. Ao contrário de alguns métodos para criação de personagens no ramo teatral, como o de Stanislavski, que parte do personagem para o desenvolvimento do mesmo, na área da performance busca-se a partir do próprio artista. (COHEN, 2002)

Na construção de suas apresentações, cada performer habitualmente faz o papel de encenador e ator, trazendo para o público criações de sua própria autoria, fazendo-o assim, “criador e intérprete de sua obra” (COHEN, 2002) Segundo Oliveira (2017, p. 31):

Performar é colocar-se em processo com o intuito de dividir esse momento com seu público, ao passo que a teatralidade pode ser detectada apenas por quem vê, não sendo um ato necessariamente proposital ou construído por quem o está fazendo.

Utilizando de seu papel de criador de sua própria arte, o performer, além de desenvolver papéis fictícios, visa também a busca pelo distanciamento do ator em seu personagem para ele em seu contexto da realidade cotidiana, utilizando de “seu próprio nome, com o seu corpo cotidiano, com suas fraquezas, virtudes e defeitos”. (VINADE, 2013, p. 41), podendo trazer também vivências do seu dia a dia, com dramaturgias fictícias que cabem no contexto de sua obra.

Como em peças teatrais, as performances são realizadas ao vivo, “o fato de o *performer* [sic] lidar muito com o “aqui-agora” e ter um contato direto com o público faz com que o trabalho com *energia* ganhe grande significação.” (COHEN, 2002, p. 105). A energia que mantêm um ritmo emissão e transmissão do artista e seu público, provocando oscilações enérgicas e a capacidade de trazer a plateia para cena e dar mais vida a ela de acordo com o feedback de quem o assiste. (COHEN, 2002)

Podendo usufruir de outras linguagens da arte além da liberdade de criação de que a possui, o performer dialoga com suas bagagens culturais e formações, utilizando “livremente quaisquer disciplinas e quaisquer meios como material - literatura, poesia, teatro, música, dança, arquitectura [sic] e pintura, assim como vídeo, película, *slides* e narrações, utilizando-os nas mais diversas combinações”. (GOLDBERG, 2007, p. 10)

A performance se caracteriza também como uma arte individual, semelhante a pintores, escultores e outras artes plásticas. Fazendo fronteira com outras artes, como a dança e as artes plásticas citadas anteriormente, também há características de outras linguagens fora meio das artes como ritos terapêuticos, intervenções, entre outras. (COHEN, 2002)

O corpo do performer é a base de sua arte, e o conjunto de ações a partir dele transmitirá uma linguagem não verbal que irá trazer a dramaturgia e a emoção para a cena representada. Por meio da performance, rejeita-se o estereótipo do corpo e resgata-se a sua história, propiciando numerosas possibilidades de ação e utilização de seu corpo “estas alimentadas ou não a partir da cultura e da sociedade” (GLUSBERG, 2013, p. 89). Uma sociedade e/ou cultura que gera exigências e imposições culturais no meio social em que o sujeito vive e acaba proporcionando uma certa limitação expressiva. (GLUSBERG, 2013).

Atrás dos resultados que vemos em suas criações performáticas, algumas dessas obras fazem com que o artista se exponha “a riscos que atentam contra sua vida, ultrapassando seus limites corpóreos físicos”. (VINADE, 2013, p. 41). Ao serem trabalhadas em ambientes que podem envolver algum tipo de risco ao performer, ele acaba que se submetendo a certos desafios com seu próprio corpo e mente, para assim alcançar sua mensagem almejada ao público em prol de seu resultado.

Nesse campo da performance, seu objetivo não irá voltar-se para um lado comercial, com suas intervenções ela busca trazer ao seu público uma visão transformadora que modifica o olhar de quem a assiste. (COHEN, 2002) Buscando trazer visibilidade, por exemplo, para os “oprimidos, excluídos ou em desvantagem - os gays e as lésbicas, os aleijados, os idosos, os pobres, junto com as minorias raciais e étnicas” (CALSON, 2010, p. 185), a performance transportou para esse lugar de uma arte crítica, as pessoas afetadas por preconceito em sociedade para uma preocupação que deva ser explorada em cena. (CALSON, 2010)

Partindo dessa preocupação, artistas gays começaram a trazer para suas obras as experiências pessoais e também de outras pessoas LGBTQIA+, o que causou em seus críticos conservadores uma visão mais perturbadora e mais difícil para assimilarem com a performance contemporânea do que os drag show burlescos que eram realizados. (CALSON, 2010). Um exemplo de artista conhecido que acabou se prejudicando com por conta da “resistência conservadora à articulação de identidades fora do *mainstream*¹ heterossexual masculino”, foi Tim Miller, que por conta abranger dentre os seus conteúdos, o homossexualismo [sic] e seus direitos, “perdeu o subsídio do National Endowment for the Arts, em 1990”. (CALSON, 2010, p. 178)

6 DESCRIÇÃO DA PERFORMANCE “VIOLENTAS VOZES, VIDAS CALADAS”

A performance foi apresentada à banca por meio de uma gravação produzida na Sala de Dança do Bloco T, localizada na UNESCO, com a temática violência de gênero e orientação sexual contra a comunidade LGBTQIA+. Para representar a diversidade de identificações sociais, trouxe um corpo neutro, o corpo que nos é dado quando nos formamos no útero de nossa mãe, em contraposição ao corpo criado ao longo da vida, com as imposições que a sociedade e/o cultura nos trazem para que nos adequar ao meio social e assim formar nossa identidade gênero.

Ao iniciar a ação, apresento-me em cena, primeiramente, como um menino em sua infância até sua juventude, que, ao longo de seu desenvolvimento, teve impostos padrões para seguir e se adequar: deveria brincar com carrinhos e bola, fazer luta, “coisas de menino”, foi ensinado que os homens não poderiam chorar e repreendido de uma maneira crítica pelo modo como se comportava, não podendo usar nenhuma vestimenta rosa, nem performar feminilidade, pois o preconceito e julgamento social acabavam vindo à tona. O mesmo acontece com a menina representada posteriormente a quem se impõe medidas para se adequar, lhe dizendo que não pode brincar com carrinhos e sim brincar de boneca, pois carrinhos são somente para meninos, impondo que meninas devem se vestir mais femininas, deixar os cabelos compridos, emagrecer e se maquiar para poderem se enquadrar socialmente.

Essas são medidas impostas a homens e mulheres a todo instante por nossa sociedade, depositando expectativas às pessoas para que cumpram com os comportamentos esperados e designados a cada gênero. Ao não cumprimento das devidas características de sua designação biológica, tais expectativas ao serem alcançadas transformam-se em preconceito. Um preconceito vinculado com ódio que motiva pessoas que não aceitam outros modelos de se viver a não ser o indivíduo cisgênero e heterossexual. Tal pensamento ocasiona assim o prejulgamento a todos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, gerando a discriminação social.

A consequência dessa intolerância resulta em atos de violência física, psíquica e até mesmo suicídio. Demonstro isso em minha performance, através dos diálogos preconceituosos e opressivos reproduzidos. Essas são vozes que nós que fazemos parte da comunidade LGBTQIA+ ouvimos durante nosso dia a dia e que nos atordoam, violentam de formas físicas e psicológicas, com um intuito de enfraquecer nossa psique e, dessa forma, nos derrubar.

Com o auxílio de sangue falso e uma sombra escura, faço uma representação referente a todas as vítimas de agressões e assassinatos, ao som de casos reais noticiados em mídias. São condições que atualmente qualquer um que faça parte da comunidade LGBTQIA+ está propenso a passar. Todo o sentimento de medo, dor, sufocamento de quem teve que passar por essas situações, os traumas daqueles que puderam sobreviver para continuar lutando são emoções que busquei compartilhar a todos aqueles que puderem assistir a performance refletirem sobre as experiências vivenciadas por essas pessoas. Ao me agachar e me deslocar para a posição fetal, fechando meus olhos, representei não somente a minha morte, mas de todas as pessoas que foram vítimas de LGBTfobia, representando, dessa forma, o silenciamento presente no elevado índice de assassinatos que vemos em dados anualmente em nosso país e o medo de acabar sendo apenas mais um número nas pesquisas.

Como dito anteriormente, a performance deveria acontecer ao vivo, para o performer que estiver em cena obter um contato direto com seu público e, dessa maneira, transmitir a mensagem de forma mais viva através de sua apresentação, para que seja melhor compreendida pelas pessoas que a veem e a energia produzida pelo contato direto com sua plateia seja mais intensa, proporcionando uma melhor qualidade em cena.

No entanto, devido à pandemia que estamos vivendo por conta do Covid-19, tivemos que nos adaptar às grandes mudanças que com ela vieram, como as aulas remotas, para mantermos o distanciamento. Segundo o meu planejamento, iria apresentá-la pessoalmente para a banca, mas por conta desses imprevistos, a minha performance teve que ser modificada para o modo de gravação. O que acabou prejudicando em seu resultado, por não captar e transparecer totalmente as emoções desejadas. Houve uma limitação de gravação, pois a câmera que não poderia ser modificada durante a performance para ela me acompanhar e evidenciar cada cena. Não tive muitos recursos para a sua produção como um fundo preto ou um enquadramento de melhor qualidade, para uma boa imagem de um todo. Tive que me adaptar as condições apresentadas e buscar o melhor aproveitamento possível. Poderíamos ter optado por edição, mas preferimos que esse momento de pandemia ficasse também registrado. Pensamos que a pandemia e o distanciamento também possuem algo de artístico para transmitir em sua crueza.

Muitos de nós lutaram e ainda lutam por direitos, mas ainda não chegamos nessa civilização utópica desejada, onde o respeito e o amor prevalecerão entre as pessoas. Represento através dessa ação todos LGBTQIA+ que perderam suas vidas por conta do preconceito, todos que buscavam seus direitos, uma vida digna como qualquer outro ser humano e, principalmente, respeito por quem eram. Expresso-me por todas as vidas que foram caladas.

Figura 4 – Performance Vozes violentas, vidas caladas



Fonte: a autora

Figura 5 – Performance Vozes violentas, vidas caladas



Fonte: a autora

Figura 6 – Performance Vozes violentas, vidas caladas.



Fonte: a autora

Figura 7 – Performance Vozes violentas, vidas caladas.



Fonte: a autora

7 CONCLUSÃO

A partir das pesquisas e dos fatos apresentados durante este trabalho, conclui-se que o gênero é definido através de vestimentas, porte físico e aparência e que pode sofrer influências sociais e culturais. Esses exemplos são algumas das maneiras vistas como meios de definição que designam ao indivíduo um determinado gênero. Este memorial colocou em pauta também a questão familiar quando o assunto é gênero e sexualidade, pois muitas vezes há falta de aceitação e amor para respeitar quem são e não quem escolheram ser.

Pela observação dos aspectos analisados, nos deparamos com um elevado índice de agressões físicas e óbitos em nosso país e que cada vez mais pessoas LGBTQIA+ estão morrendo injustamente por conta de crimes de ódio. Crimes esses que resultam em prejuízos para o indivíduo, como problemas psíquicos e suas relações no âmbito social e profissional.

Através da performance, uma arte que desconstrói, rompe barreiras e proporciona ao artista liberdade de criação, foi desenvolvida a ação “Vozes violentas, vidas caladas”. Por intermédio dela, mostramos em cena experiências diárias de muitos LGBTQIA+. Dessa forma, buscamos denunciar e transformar o olhar dessas pessoas que nos veem como papéis que devem ser descartados e jogados fora da sociedade. Faz-se necessário que as pessoas se conscientizem, pois todos os dias morre pelo menos um LGBTQIA+ no Brasil para o preconceito e precisamos mudar essa realidade. É diante desta proposta de performance que desejo alcançar meu objetivo de conscientização e respeito com todos os indivíduos que fazem parte dessa comunidade.

8 REFERÊNCIAS

ARÁN, Márcia et al. **Transexualidade e saúde pública no Brasil**. 04 de dez de 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n4/a15v14n4.pdf>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

BATISTA, Fabiana. **Brasil registra 124 assassinatos de transexuais em 2019, segundo dossiê**. Universa, 29 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/01/29/dossie-de-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019.amp.htm>>. Acesso em: 21 de jul de 2020.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. EdUFBA, 2017.

BRAGA, Iara Falleiros et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 71, supl. 3, p. 1220-1227, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Violencia de Estado, guerra, resistencia**. Por una nueva política de la izquierda. 2011. P. 46.

CARLSON, Marvin A.; DINIZ, Thaís Flores Nogueira; PEREIRA, Maria Antonieta. **Performance: uma introdução crítica**. UFMG, 2010.

CAVALCANTI, Adilma da Cunha et al. **"Os olhos vêem e o coração sente"**: desvelando a violência contra LGBT. 2018.

CFP assina carta internacional pelos direitos das pessoas LGBTQI+. 14 de set de 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/cfp-assina-carta-internacional-pelos-direitos-das-pessoas-lgbtqi/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. Perspectiva, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.

COSTA, Ana Carolina Simionato et al. **Trajetória de vida e sociabilidade entre a população LGBT em situação de rua de São Paulo**. 2010.

COSTA, Ana Carolina Simionato et al. "Vida Loka": **Estilo de vida e vulnerabilidade à violência e ao abuso de drogas entre jovens LGBT em situação de rua**. 2010.

DOCUMENTÁRIO LGBT - Homofobia e transfobia na escola. Bendita Geni – Jornalismo LGBT, 27 fev. 2018. Disponível em:
<https://youtu.be/g_RAbnK61N8?list=WL>. Acesso em: 21 de jul de 2020.

EFREM FILHO, Roberto. **Corpos brutalizados**. 2013.

EFREM FILHO, Roberto. **Corpos brutalizados**: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. cadernos pagu, n. 46, p. 311-340, 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero**: a teoria queer de Judith Butler. Revista Criação & Crítica, n.20, p. 40-55, 2018.

GASPERI, Marcelo Eduardo Rocco. **A performatividade com conceito operativo de linguagem, de gênero e da cena contemporânea**.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. 2.Ed. 2013.

GOLDBERG, RoseLee; CANTON, Katia. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. Martins Fontes, 2007.

GUERRA, Marcela Gorete Rosa Maia; ROCHA, Francielle Lopes. **Do abandono afetivo em razão da orientação sexual**: do exercício de uma paternidade irresponsável. 2013?

JOVEM assassinado em Cascavel pode ter sido vítima de latrocínio, diz polícia. Paraná RPC, Cascavel, 03 de nov de 2018. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2018/11/03/jovem-assassinado-em-cascavel-pode-ter-sido-vitima-de-latrocínio-diz-polícia.ghtml>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

LIMA, Regina Campos; AKIYOSHI, Lidamar Maria Navarro. **União homossexual**: uma relação de amor. Disponível em
<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v5n1_regina.htm>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MAPA da homofobia em SP, O. G1, 13 jun. 2017. Disponível em:
<http://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/2017/o-mapa-da-homofobia-em-sp/?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1#preconceito-e-agressao>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MARTINS, M. A. M; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, É. S. D. **Acerca da violência contra LGBT no Brasil**: Entre reflexões e tendências. 2010.

MEMORIAL da democracia. Disponível em:
<<http://memorialdademocracia.com.br/card/sp-faz-sua-1a-parada-do-orgulho-gay>>
Acesso em: 13 de agosto de 2020.

OLIVEIRA, Cristiane Souza de. **Do Teatro à Performance**—um lugar de Colapso. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.p. (Feminismos Plurais)

RIOS, Roger Raupp. **Direitos fundamentais e orientação sexual**: o direito brasileiro e a homossexualidade. **Revista CEJ**, p. 27-39, 1998.

RIOS, Roger Raupp; PIOVESAN, Flávia. A discriminação por gênero e por orientação sexual. **Seminário Internacional as minorias e o Direito. Brasília. Recuperado em**, v. 7, p. 156, 2001.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**: subtítulo do livro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

STF. **Notícias STF**. 05 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>> Acesso em: 13 de agosto de 2020.

VINADÉ, Tatiana Barrios. **O corpo em trânsito entre o teatro e a performance**: de ama à minha velha. 2013. 105f. Dissertação (de Mestrado do Programa de Pós Artes Visuais) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.